

UMA PROPOSTA MINIMALISTA PARA O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: RELAÇÕES LOCAIS ¹

Ruth E. Vasconcellos LOPES

RESUMO *Este trabalho circunscreve-se ao quadro do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 1998). Nosso objetivo central é verificar se há na Faculdade da Linguagem alguma propriedade essencial para o processo de aquisição da linguagem, para além da marcação paramétrica prevista na Gramática Universal. Trabalhando com o Programa Minimalista, podemos verificar como um quadro ontológica e metodologicamente minimalista permite pensar a aquisição da linguagem de uma forma inusitada, especificando um lugar mais claro para a sintaxe e para a sua relação com os componentes de performance, a partir de fenômenos muitos locais que são, em última instância, codificados como princípios da Faculdade da Linguagem. Nesse espírito, levantamos a hipótese de que a relação básica pela qual a criança se guia em seu processo de aquisição é a de comando. A visão que sustenta conceitualmente esta hipótese é a de que o que quer que ocorra no processo de aquisição, só deve contar com propriedades intrínsecas à Faculdade da Linguagem. Para verificar a plausibilidade empírica de nossa proposta, examinamos alguns fenômenos do Português do Brasil.*

ABSTRACT *This work focuses on whether or not there is a specific property of the Language Faculty which could be essential for the language acquisition process, beyond the parametric variation in Universal Grammar. Our theoretical framework is the Principles & Parameters model in its Minimalist Program version. We intend to show how a minimalist framework can offer the language acquisition area a fresh point of view by specifying a clearer place for syntax and for its relationship with the performance components. Having this picture in mind, we propose that the basic syntactic relation that is privileged by the child acquiring his/her language is c-*

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 26 de novembro de 1999, sob orientação da Prof^a Dr^a Mary A. Kato.

command. Our hypothesis is conceptually motivated since this type of relation is already present in the Language Faculty. In order to empirically sustain our hypothesis we examine some phenomena in Brazilian Portuguese.

1. INTRODUÇÃO

Pretendo apresentar uma proposta de aquisição da linguagem, dentro do Programa Minimalista, baseada em relações locais. Tomo o termo aqui não como “localidade” no sentido de passo derivacional, mas como um espaço derivacional restrito. Para tanto, parto dos trabalhos de Uriagereka (a sair, 1997a).²

A hipótese central em que este trabalho se baseia é a de que a representação lingüística pela qual a criança se guia no processo de aquisição é a de unidade de comando, que constitui o *output* de uma derivação através da aplicação contínua de Concatenar (*merge*). A visão que sustenta conceitualmente esta hipótese é a de que o que quer que ocorra, durante o processo de aquisição, só pode contar com propriedades intrínsecas ao sistema computacional, respeitados os princípios de economia atuantes desde sempre no sistema.

O texto se divide em cinco seções. Na próxima seção apresento o quadro teórico em que me baseio. Na terceira apresento minha hipótese sobre a representação lingüística pela qual a criança se guiaria no processo de aquisição e discuto como ela pode se correlacionar às condições de economia. Na quarta seção examino alguns dados a fim de testar a plausibilidade empírica da proposta e, finalmente, apresento uma breve conclusão na última seção.

2. C-COMANDO: INDICATIVOS DE LOCALIDADE

Vamos iniciar nossa discussão examinando uma proposta feita no âmbito do Programa Minimalista: a dos Múltiplos *Spell-outs* (doravante, MSO) de Uriagereka (op. cit.).³ Como o título denuncia, sua proposta é que a regra de *Spell-out* possa ser aplicada mais do que uma vez, em uma derivação. Sabe-se que, para Chomsky (1995), *Spell-out* ocorre uma única vez.

Uriagereka inicia sua discussão mostrando que o Axioma de Correspondência Linear (*Linear Correspondence Axiom* - LCA, doravante), em (1) abaixo, como proposto por Kayne (1994), apresenta uma condição formal sobre marcadores frasais.

² Cito as duas versões, embora me baseie na mais recente em que o autor revê algumas implementações. Os conceitos centrais, no entanto, permanecem inalterados.

³ Para uma discussão bem mais detalhada do que a que será feita aqui, cf. Guimarães (1997).

(1) LCA

Sejam X, Y não-terminais e x, y terminais, tal que X domina x e Y domina y. Se X comanda assimetricamente Y, então x precede y.⁴ (Kayne, 1994)

Para Chomsky, no entanto, o LCA é uma condição que opera no componente fonológico, por conta da necessidade, imposta pela Forma Fonética, de linearização de uma estrutura. O que se deriva disso é que haveria uma parte formal e outra substantiva no axioma.⁵ A formal exige a linearização de um objeto sintático conectado por Concatenar (*merge*) e a substantiva deve especificar *como* mapear um conjunto desordenado de termos (associados por Concatenar) numa seqüência interpretável em Forma Fonética, uma exigência da interface. Mas como o mapeamento funciona? Isso é explícito na proposta de Kayne, contudo deve ser adaptada a uma visão de *bare phrase structure*. A proposta de Uriagereka é transformar o passo de base do axioma em um teorema:

(2) LCA

- a. passo de base: se α comanda β , então α precede β ;
- b. passo de indução: se γ precede β e γ domina α , então α precede β .

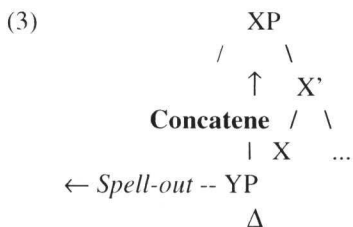
O importante é perceber que a relação primitiva aqui é *comando*, é ela que vai determinar *precedência*.⁶ Assim, o autor define um objeto formal como *unidade de comando* e mostra como sua proposta funcionaria a partir de um tal objeto. Uma unidade de comando seria o *output* de uma derivação através da aplicação contínua de Concatenar a um mesmo objeto. Esse seria o caso em que elementos são concatenados a marcadores frasais já conectados. No caso de Concatenar se aplicar a dois objetos independentemente conectados, aí teríamos várias unidades de comando.

Isso geraria uma função hierarquizada de Concatenar, criando “cascatas” de concatenação que se transformariam posteriormente em objetos lineares. Esquemáticamente, a situação seria a seguinte:

⁴ O LCA baseia-se ainda em um modelo que considera X-barra como um módulo; portanto, é uma condição sobre marcadores frasais. Em um modelo baseado em *Bare Phrase Structure* ele tem que ser reformulado.

⁵ Lembrando que no Programa Minimalista, princípios substantivos são reduzidos a condições impostas pelas interfaces e princípios formais a condições de economia do sistema.

⁶ Estou cortando um enorme caminho na discussão. O autor, na realidade, preocupa-se em motivar por que precedência seria o tipo de relação que se deseja para a linearização. Não considero este ponto relevante aqui.



A pergunta, então, que se coloca é “quantas vezes *Spell-out* deve se aplicar”, para que o sistema ainda opere de forma otimizada? Segundo o autor, preferencialmente uma única vez, já que seria mais econômico; no entanto, isso vai depender da noção de unidade de comando. Se houver uma única unidade, basta aplicar *Spell-out* uma única vez, mas se houver mais de uma unidade de comando, então o acesso às interfaces será feito em cascatas derivacionais sucessivas, conseqüentemente através da múltipla aplicação de *Spell-out*, sempre que (e apenas quando) necessário.

Um ponto importante a ser destacado é que apenas dentro de uma mesma unidade de comando pode haver “comunicação” entre elementos. Isso vale para cada “cascata” derivacional. Assim, em (3), o que quer que haja em YP não terá relação com XP até que esses elementos se concatenem; além disso, os elementos dentro de YP não podem entrar em relação com os elementos dominados por X’ depois que YP e X’ forem concatenados.

A conseqüência dessa proposta é clara em relação ao LCA. Se imaginarmos que as unidades de comando se vão criando à medida que a derivação ocorre, precisamos apenas do passo de base (2a) do LCA para prever, de forma trivial, sua linearização. Porém, não se pode afirmar que estruturas com mais de uma unidade de comando não ocorram nas línguas ou que, ao ocorrerem, levem a derivação ao cancelamento. Aparentemente, isso obriga manter o passo (2b) do LCA. Contudo, ao propor que *Spell-out* possa se aplicar mais do que uma vez, sempre que uma unidade de comando for formada, pode-se abrir mão do segundo passo do Axioma, transformando-o em um teorema, conforme proposta do autor.

Há duas possibilidades em termos do funcionamento dos MSO: uma dita “conservadora” e outra “radical”. No caso da primeira, haveria um procedimento para Concatenar uma estrutura que tenha sido mandada para *Spell-out* com o resto da estrutura ainda no componente computacional, sob pena de não se chegar a um objeto único final linearizado. Prevê-se, assim, que os elementos que vão para *Spell-out* passam a se comportar como uma *quasi-palavra*⁷ (e como palavras podem continuar a se concatenar com o resto da estrutura), e não mais como um marcador frasal, uma vez que a linearização da estrutura destruiria sua “base frasal”; portanto,

⁷ Usamos o termo “quasi-palavra” por falta de melhor opção. Uriagereka fala em “giant lexical compound” (p. 6 da versão “a sair”).

deixam de ser acessíveis pela sintaxe. São, assim, interpretáveis, porém, não se sujeitam mais a movimento e outros processos sintáticos. Em sua versão radical, prevê-se que cada unidade de comando enviada à *Spell-out* não vai mais se concatenar ao restante da estrutura, sendo uma tarefa dos componentes performativos proceder à associação entre elas.

Vejamus um exemplo de como o modelo funciona, na sua versão conservadora, a partir da sentença em (4):

(4) O presidente lambeu a goiabada.

Durante a derivação de (4), haverá um ponto em que teremos duas unidades de comando (digamos, X e Y) paralelamente, como em (5). Em um outro ponto da derivação, esses elementos serão concatenados, produzindo uma estrutura maior (6), projetando, obviamente, um rótulo para ela, digamos W.⁸

(5) X = {o {o, presidente}}
 Y = {lambeu {lambeu, {a {a, goiabada}}}}

(6) W = {lambeu {{o {o, presidente}} {lambeu {lambeu, {a {a, goiabada}}}}}

Se os dois constituintes em (5) fossem concatenados antes de *Spell-out* (como em 6) a derivação seria cancelada, já que não poderia ser linearizada por não haver c-comando entre todos os terminais da estrutura, considerando-se apenas o passo de base em (2). Assim, o sistema é obrigado a aplicar *Spell-out* em X, antes de concatená-lo a Y. Os membros do constituinte em X são assim linearizados, passando a se comportar como uma quasi-palavra (uma unidade sem estrutura sintática interna):

(7) X = {o {o, presidente}}
 ↓ *Spell-out*
 X = { o, <o, presidente> }
 ↓
 opresidente

O *output* de (7) é, então, concatenado a Y, que ainda não foi linearizado, projetando W, em (8). Observem que esse processo se dá ciclicamente:

⁸ Omitimos aqui as categorias funcionais, por não serem relevantes para a discussão.

$$(8) \quad W = \{\underline{\text{lambeu}} \{ \text{opresidente} \{ \underline{\text{lambeu}} \{ \text{lambeu} \{ \underline{\text{a}} \{ \text{a, goiabada} \} \} \} \} \} \}$$

Agora a estrutura “ativa” em (8) é submetida a *Spell-out*, sendo linearizada porque o elemento “opresidente” c-comanda “lambeu”, “a” e “goiabada”:

$$(9) \quad W = \{\underline{\text{lambeu}} \{ \text{opresidente} \{ \underline{\text{lambeu}} \{ \text{lambeu} \{ \underline{\text{a}} \{ \text{a, goiabada} \} \} \} \} \} \}$$

↓ *Spell-out*

$$W = \{ \underline{\text{lambeu}} \{ \langle \text{opresidente, lambeu} \rangle, \langle \text{opresidente, a} \rangle, \langle \text{opresidente, goiabada} \rangle, \langle \text{lambeu, a} \rangle, \langle \text{lambeu, goiabada} \rangle, \langle \text{a, goiabada} \rangle \}$$

↓

$$W = [\text{opresidente}] \text{lambeu} \text{a} \text{goiabada}$$

Embora inúmeros detalhes técnicos e motivações empíricas tenham sido deixados de lado na exposição da proposta de Uriagereka, o que se percebe, pelo exemplo acima, é que o constituinte que ocuparia a posição de especificador teve que ser submetido à linearização anteriormente a sua concatenação com o resto da estrutura. Percebe-se, então, que essa proposta depende da construção de estruturas em paralelo, aparentemente como forma de permitir a concatenação de elementos que venham a ocupar posição de não-complemento. Aparentemente trata-se de um corolário da Condição de Extensão (*Extension Condition*) proposta em Chomsky (1995), segundo a qual adições à estrutura sempre têm como alvo nódulos raízes.

The building of head-complement structures straightforwardly obeys the Extension Condition. But complex adjuncts must be constructed separately, and then merged to whatever structure has already been formed. The same holds for (non-singleton) subjects. (Castillo, Drury & Grohmann, 1999, p. 10)

Mas talvez o ponto mais interessante de tudo que se discutiu até agora é que a relação primitiva que a sustenta é a de c-comando.

Uma diferença entre as duas versões da proposta, ainda não apontada, é que em sua versão radical, segundo Uriagereka, não é preciso desenvolver nenhum tipo de procedimento que leve em consideração a estrutura interna dos constituintes que chegam a *Spell-out*, pois nesse caso eles simplesmente não podem mais ser acessados pela sintaxe por terem sido enviados para os componentes de *performance*. Entretanto, deixam um “rótulo” no componente computacional para fins de interpretação em Forma Lógica. Estamos supondo, nesse caso, que a linearização da estrutura se deva somente à relação de comando, garantida pelo passo de base do LCA.

Há duas previsões que decorrem dessa proposta radical. A primeira é que unidades de comando deveriam espelhar domínios de fenômenos típicos de Forma Lógica, uma conseqüência bastante desejável em termos de aquisição, pois afasta o modelo da visão de a Forma Fonética é transparente para o processo e leva o modelo

a prever correlações entre as duas interfaces. A segunda é que se componentes de *performance* são capazes, de alguma forma, de lidar com as unidades de comando que são enviadas para eles separadamente, então unidades de comando devem ter algum peso no processamento da linguagem. Weinberg (a sair) mostra que isso ocorre. Voltaremos a esse ponto posteriormente.

Resumindo o que foi dito até aqui, parece mesmo haver motivação para a construção de estruturas em paralelo, e a relação sintática essencial parece ser mesmo a de c-comando. Tudo parece se resumir a relações muito locais que, por necessidade de convergência de uma estrutura, transformam-se em objetos sintáticos finais mais amplos. Dado que já são propriedades do sistema, ou seja, já estão codificadas na GU, não seria por elas que a criança se guiaria no processo de aquisição da linguagem? Essa será a hipótese que vamos perseguir na próxima seção.

3. C-COMANDO NA AQUISIÇÃO

Assume-se, normalmente, que a GU não lida com o *input* de forma aleatória e indiscriminada. Se fosse esse o caso, o espaço de busca, para a criança, seria infinito e talvez ela nunca atingisse S_s . Nesse sentido, há hipóteses que tentam dar conta do processo de aquisição em tempo-real, buscando uma explicação para o fato de que a linguagem infantil aparentemente se afasta, nos seus estágios iniciais, daquela do adulto cuja língua a criança está adquirindo. Essas propostas traduzem-se em algoritmos que supostamente estariam em GU e que, de alguma forma, guiariam a criança no processo de aquisição.

Tomemos, apenas pelo sabor do argumento, algumas das propostas sobre a natureza do *input*. Lightfoot (1989, 1991) propõe que o dado acionador seja de grau-0. Haveria, então, algum tipo de algoritmo em GU indicando para a criança que dados tomar do *input* como *intake* (White, 1981). Penner & Weisseborn (1994), por outro lado, pressupõem a existência de dados acionadores de duas espécies distintas: (a) dados canônicos (dados que apresentam assimetria), por exemplo: oração subordinada/principal; (b) dados não-canônicos (de natureza paradigmática), por exemplo, morfologia verbal. Há, ainda, a proposta dos modelos de aquisição baseados em “pistas” (*cue-based*) que, grosso modo, poderia ser resumido da seguinte forma: para saber se sua língua é de sujeito nulo, olhe para a natureza da morfologia verbal; para saber se sua língua permite objeto nulo, olhe para a natureza do DP (se referencial ou não, além de outros detalhes); para saber se sua língua tem

movimento de verbo, olhe para respostas curtas; para saber a posição da negação, olhe para a posição de verbos finitos; etc.⁹

Certamente o problema é complexo e não comporta uma solução simplista. Seria importante, entretanto, chamar a atenção para o fato de que as propostas delineadas normalmente usam artifícios digamos, externos, ao sistema como algoritmo. São descrições da Língua-E e não algoritmos intrínsecos à Faculdade da Linguagem. Talvez não haja solução satisfatória para essa quebra-cabeça, talvez seja esse o preço que se tenha que pagar. Entretanto, de uma forma ou de outra, são artifícios que descrevem propriedades ou construções particulares entre as línguas e não mecanismos gerais do funcionamento do sistema computacional. Por que, então, não considerar que o mapeamento de S_0 a S_s faz uso apenas daquilo que se considera uma propriedade intrínseca à Faculdade da Linguagem?

No Programa Minimalista, ainda mais do que para o modelo de Regência e Ligação, o que conta (para movimento, para formação de cadeia, para linearização etc) são relações muito locais. O primitivo de tais relações parece ser sempre *c-comando*. Isso pode ser traduzido em termos de unidade de comando – de acordo com a proposta de Uriagereka, acima.

Sportiche (1995) apresenta uma proposta, para tratar um conjunto bastante extenso de dependências sintáticas, cujo cerne está também na relação de comando. O autor inventaria onze possíveis relações sintáticas, como movimento, ligação, itens de polaridade, quantificadores etc.

How many primitives are needed to describe these relations? If this sample is significant, it suggests that this set is quite narrowly constrained. Putting agreement processes aside, which I analyze as instances of specifier/head relationships, any of these dependencies D obeys two properties:

(i) a. *D is a binary relation $D(x, y)$*

b. *One of $\{x, y\}$ must command the other*

Where (ib) is stated in terms of some unique appropriate primitive of 'command'. (pp. 366-7)

Pressupõe-se que essas sejam propriedades intrínsecas do sistema computacional conceitualmente motivadas, na medida em que dão conta de captar com uma certa elegância uma propriedade que parece ser fundamental nas línguas naturais. Para que o sistema opere com elas, deve apenas reconhecer um objeto sintático, algo também já previsto na Faculdade da Linguagem.

Nossa hipótese, então, é que a criança usa e abusa dessa propriedade. Como veremos na próxima seção, esse fenômeno parece ter um reflexo na produção infantil inicial e não deve ser absurdo supor, ainda, que, eventualmente, a criança esteja se valendo dessa propriedade para o tratamento do *input* também. Como tudo tem um

⁹ Estou apenas tentando ilustrar o fenômeno. Obviamente há propostas bastante interessantes na literatura a esse respeito. Não tive também a preocupação em creditar a autoria das propostas ou sua atualidade. Como disse, a idéia é apenas levantar a questão.

preço, isso significa admitir que a criança esteja privilegiando relações de comando, através das unidades de comando, por exemplo, também em seu processamento lingüístico. Weinberg (a sair) mostra que essa hipótese não apenas é plausível, como oferece explicação para fenômenos complexos de processamento em inglês.

O que estamos propondo é que, para além da previsão dos parâmetros – o que já não é pouco, há que se reconhecer –, **não** é preciso prever algoritmos extraordinários em GU. A criança já tem a informação básica de que necessita para poder adquirir uma língua: a Faculdade da Linguagem “sabe” o que é um objeto sintático, o sistema funciona estabelecendo unidades de comando e operando sobre elas. A criança apenas mobiliza aquilo que já está dado. E, ao longo desse processo, aciona os valores paramétricos relevantes para a sua gramática-alvo. Mas não vamos tratar de acionamento paramétrico. Queremos, se possível, mostrar o papel das unidades de comando na aquisição da linguagem.

A hipótese subjacente que estamos assumindo é a continuísta, mais especificamente a da competência plena. Em primeiro lugar, porque parece menos estipulativa, na medida em que considera o arcabouço proposto para a Faculdade da Linguagem como presente e atuante desde sempre – nada mais inatista. Em segundo, porque representa com mais propriedade a noção de “seleção”: adquirir uma língua é “limitar” opções. Com ela, no entanto, somos obrigados a importar também as explicações de ordem externa para as discrepâncias entre a fala do adulto e a da criança – são problemas relativos aos componentes de *performance*, como falta de memória, por exemplo.

Sobretudo, o que se quer evitar com o pressuposto acima é que o cálculo de economia do sistema seja usado como metáfora para a gramática da criança, considerando-a mais econômica do que a do adulto. O cálculo de economia aplica-se no decorrer de uma derivação particular. Não poderia ser usado como medida para comparar gramáticas, sob pena de acabarmos admitindo que, para determinados fenômenos, determinadas línguas são mais econômicas que outras. Assim, uma língua que exige movimento de verbo para checar um traço-V forte em T seria menos econômica do que uma língua que não exige esse movimento na sintaxe visível? Na mesma linha, então, não se poderia comparar um estágio da gramática da criança em que, supostamente, ela não demonstre um movimento em sintaxe visível como mais econômica do que o estágio em que esse traço da língua surja.¹⁰ Se fosse esse o caso, teria que haver outros princípios de economia no sistema que garantissem a comparação entre gramáticas.

Seria o caso de imaginarmos por que, de forma geral, crianças não preferam sempre a “representação mais elegante”. Se há algum uso de princípios de economia

¹⁰ Cf. Wexler (1992) para proposta nesse sentido, isto é, considerando gramáticas infantis mais econômicas do que a gramática-alvo.

operando de forma diversa daquela prevista para o funcionamento do sistema computacional, então a previsão talvez fosse justamente a inversa. Crianças pequenas nem sempre – dada a mesma Numeração, para uma mesma derivação – escolhem o caminho mais econômico, podendo se aproximar mais da Forma Lógica, portanto evidenciando movimentos que de outra feita seriam feitos no componente encoberto, do que da Forma Fonética, conforme discute van Kampen (1997). Mas isso não implica comparar gramáticas e talvez seja um processo natural de seleção de sua gramática, de afinamento das opções. Como pretendemos mostrar, contudo, no mais das vezes a criança parece obedecer aos princípios de economia do sistema computacional.

Resumindo, então, nossa hipótese é que a criança se valha de unidades de comando em seu processo de aquisição. E isso se verifica em sua produção lingüística e, possivelmente, no tratamento que dá ao *input* que recebe. Por ser uma propriedade da Faculdade da Linguagem, não é preciso que se formulem algoritmos de nenhuma natureza, para além da previsão da variação paramétrica em GU. Em sua essência, essa proposta parece ser conceitualmente minimalista.

Antes de examinarmos algumas evidências, retomemos brevemente a discussão sobre os Múltiplos *Spell-outs*. Como vimos, a proposta de Uriagereka (a sair) é que sempre que possível, ou seja, sempre que houver apenas uma unidade de comando, somente uma aplicação de *Spell-out* deve ser feita. Quando isso não for possível, no entanto, que sejam feitas mais aplicações, contudo apenas o número suficiente de vezes para que a derivação venha a convergir. Esse comportamento do sistema é transparente, já que guiado por condições de economia.

4. UMA RELEITURA DE ALGUNS DADOS

Infelizmente, pela falta de espaço, discutiremos apenas brevemente um dos fenômenos analisados em Lopes (1999), fazendo apenas uma menção aos demais.

Palmiere (1999), analisando a aquisição de verbos inacusativos por crianças brasileiras, mostra que desde cedo a criança parece distinguir entre esses verbos e intransitivos. A autora analisa dados de várias crianças coletados longitudinalmente, variando em uma faixa etária de 1;6 a 5;0 anos. Seus resultados mostram que, em torno dos 2;0 anos, as crianças apresentam grande quantidade de verbos monoargumentais (83% contra 17% de estruturas com verbos de dois lugares, para uma das crianças, por exemplo). Desse alto índice de verbos monoargumentais, a ampla maioria é de verbos inacusativos (72% contra 28% de verbos intransitivos, para a mesma criança).

A autora investiga, então, a ordem dos constituintes em tais estruturas, agora considerando apenas os dados de um sujeito (N.), dos 2;0 aos 4;0 anos. Considerou, por motivos óbvios, apenas os enunciados em que o DP aparecia preenchido

foneticamente e desconsiderou os enunciados que eram retomadas de enunciados do adulto com quem a criança interagia. Seus resultados mostram que *todas* as ocorrências com verbos intransitivos são do tipo DP V. Porém, note-se que todas as ocorrências são ou pronominais ou de sujeitos realizados apenas pelo núcleo nominal:

- (10) i. **sacaré** tá nanandu (2;5.13 - exemplo 11h da autora)
- ii. **eli** mórdi (2;7.16 - exemplo 11i da autora)
- iii. **eu** vuava (3;4.3 - exemplo 11j da autora)

No entanto, 70% das ocorrências com verbos inacusativos são do tipo V DP, agora, em sua imensa maioria, realizados por DPs complexos:¹¹

- (11) i. acabô **u gais dela** (2;6.25 - exemplo 12a da autora)
- ii. caiu **u retrato seu** (2;8.3 - exemplo 12d da autora)
- iii. olha, quebô **u baçu deli** (3;5.19 - exemplo 12h da autora)

As ocorrências de DP V com verbos inacusativos eram, em geral, com pronomes e não com DPs complexos, como vemos em (12):

- (12) i. **eu** cáí nu chão (2;8.4 - exemplo 13a da autora)
- ii. **essi** abiu (2;2.8 - exemplo 13b da autora)

Há um enunciado exemplar, apontado por Palmiere, em que um verbo inacusativo e um intransitivo ocorrem sequencialmente. A autora aponta este exemplo especialmente porque quer mostrar que a criança desde cedo faz a distinção entre inacusativos e intransitivos. No nosso caso, o mais importante é perceber a realização do argumento: em posição de especificador da estrutura, a criança realiza o argumento através de um único elemento nuclear e em posição de complemento, através de um DP complexo:

- (13) **cavalu** num anda!
quebô **u cavalu!** (3;3.23 - exemplo 15 da autora)

Se analisarmos esse fenômeno através de unidades de comando, vemos que há uma explicação direta para ele. DPs complexos em posição de não-complemento têm

¹¹ Não vamos lidar aqui com a questão de marcação de Caso para esses DPs; aliás bastante controversa. Citamos Uriagereka (1997b): “We do predict, however, that when a single argument is at stake (unaccusative constructions), grammars should not ascribe much significance to what form of Case is employed.” (p. 13)

que ser engendrados paralelamente. Contudo, DPs complementos encontram-se sempre na mesma unidade de comando de V' que os domina, podendo ir para o componente fonológico através de uma única aplicação de *Spell-out*, já que estariam na mesma unidade de comando. Já no caso de sujeitos, não. São especificadores da estrutura e, assim, formam uma unidade de comando distinta de V', forçando aplicações múltiplas de *Spell-out* para que sejam linearizados.

Mas como se explica, então, a ocorrência de pronomes e núcleos nominais em posições pré-verbais com os dois tipos de verbos? Porque tais elementos são itens lexicais isolados e, como tal, podem ser diretamente engendrados na derivação, a partir de Seleção na Numeração, sem que haja a necessidade de formar um marcador frasal paralelo. Com isso, ficam na mesma unidade de comando e, portanto, demandam apenas uma aplicação de *Spell-out*.¹²

Lopes (1999) mostrou que análise semelhante pode ser feita em relação à realização de sujeito e objeto por crianças em várias línguas. O que se constata é que aparecem muito mais DPs complexos em posição de complemento do que em posição de especificador, esta reservada, pelo menos inicialmente, a pronomes e nomes próprios.

Como vemos, então, a noção de unidade de comando pode garantir a explicação de determinados fenômenos de forma direta, sem apelar para outros mecanismos. Espera-se que o mesmo valha para o tratamento do *input*. Afinal, se a criança parece obedecer a essas propriedades do sistema em sua representação lingüística, deve também fazê-lo ao lidar com os dados acionadores.

Em função do espaço não perseguiremos outras análises. O intuito era apenas mostrar o funcionamento, digamos, da hipótese.

5. PALAVRAS FINAIS

Por que a criança mudaria de estratégia ao longo do processo de aquisição; ou seja, estamos admitindo que a criança privilegie as unidades de comando e, preferencialmente, uma única aplicação de *Spell-out*, quando isso não envolver determinados fenômenos de Forma Lógica. Por que, então, isso deixa de se verificar nas produções do adulto?

Assumimos como ponto de partida a versão radical do modelo de Uriagereka (a sair), segundo a qual a concatenação entre as diferentes unidades de comando se dá através de um procedimento de “concordância” no sistema computacional – um

¹² As únicas exceções parecem envolver estruturas com qu-: “eu achu **quí u papai** chegô” (exemplo 14b em Palmiere). Não vamos explorá-las aqui, mas parece haver uma explicação direta para o fenômeno. Já que envolverão, de qualquer forma, outra unidade de comando para acomodar ciclicamente a entrada de CP, parece, assim, não custar mais ao sistema engendrar também o DP complexo. Há outras alternativas plausíveis como explicação para isso; porém não as exploraremos aqui por falta de espaço.

“rótulo”, um “endereço” – que unirá duas unidades separadas: uma que já saiu do sistema e outra que continua ativa no sistema.

Assim, temos dois caminhos possíveis a percorrer como explicação para a mudança na produção da criança em direção à gramática-alvo. O primeiro seria admitir que a criança não dispõe de concordância e, portanto, tende a se limitar, sempre que possível, a uma única unidade de comando pois não teria como “agrupá-las” por não ter seus “endereços”. Não vamos assumir essa explicação por trabalharmos com a hipótese continuísta da competência plena.

O segundo caminho a tomar, e que assumimos como hipótese, é que a diferença está na capacidade de processamento da criança e do adulto: quando pequena ela apresenta limitações de produção, como memória, por exemplo. Nesse sentido, ela não disporia de um *dispositivo de memória* suficientemente amplo para acomodar as diversas unidades de comando que são enviadas para o componente de *performance*, privilegiando uma unidade de comando de cada vez. Ou, ainda, carregando o dispositivo de memória unidade por unidade e empregando essas unidades paulatinamente.

Certamente, há muita pesquisa ainda por fazer para que se possa afirmar algo conclusivo sobre minhas hipóteses. Dados translingüísticos terão que ser examinados para que se possa sustentar que dê conta da variação entre as línguas, explicando como a criança distingue uma gramática de outra, ou seja, como ela chega a uma gramática particular a partir da GU.

Espero, contudo, ter motivado conceitualmente a importância da hipótese central, além de ter mostrado sua plausibilidade teórica e empírica.

BIBLIOGRAFIA

- CASTILLO, J.; DRURY, J. & K. GROHMANN (1999). **The status of the Merge over Move Preference**. University of Maryland, ms.
- CHOMSKY, N. (1995). **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1998). **Minimalist inquiries: the framework**. MIT, ms.
- GUIMARÃES, M. (1997). **Processos fonológicos que desafiam o modelo de múltiplos Spell-outs**. Unicamp, ms.
- KAYNE, R. (1994). **The antisymmetry of syntax**. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- LIGHTFOOT, D. (1989). The child's trigger experience: degree-0 learnability. **Behavioral and Brain Sciences**, 12: 321-375.
- _____. (1991) **How to set parameters**. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- LOPES, R.E.V. (1999). **Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais**. Tese de doutorado: UNICAMP.

- PALMIERE, D. (1999). **Algumas considerações sobre a aquisição de verbos inacusativos por crianças brasileiras.** Artigo apresentado no II Congresso Nacional da Abralín, UFSC.
- SPORTICHE, D. (1995). Sketch of a reductionist approach to syntactic variation and dependencies. In: Campos, H. & P. Kempchinsky (eds). **Evolution and revolution in Linguistic Theory.** Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- URIAGEREKA, J. (1997a). Multiple Spell-out. **Groninger Arbeiten zur Germanistischen Linguistik**, **40**: 109-135.
- _____. (1997b). Formal and substantive elegance in the Minimalist Program. In: Wilder, C. et alii (eds). **The role of Economy Principles in Linguistic Theory.** Berlin: Akademie Verlag.
- _____. (a sair). Multiple Spell-out. In: S. Epstein & N. Hornstein (eds). **Working Minimalism.** Cambridge, Mass.: MIT Press.
- VAN KAMPEN, J. (1997). PF/LF convergence in acquisition. **Proceedings of the North East Linguistic Society**, **26**: 149-163.
- WEINBERG, A. (a sair). A Minimalist Theory of Human Sentence Processing. In: S. Epstein & N. Hornstein (eds). **Working Minimalism.** Cambridge, Mass.: MIT Press.
- WEXLER, K.(1992). Optional infinitives, head movement and the economy of derivation in child grammar. In: Lightfoot, D. & N. Hornstein (eds). **Verb movement.** Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITE, L. (1981). The responsibility of grammatical theory to acquisitional data. In: Hornstein, N. & D. Lightfoot (eds). **Explanations in Linguistics.** London: Longman.